



## Visão da Idade Média

O mundo medieval, seus cavaleiros, filósofos e cruzados

A IDADE MÉDIA — A CAVALLARIA E AS CRUZADAS (3.ª edição) — Ivan Lins — Livraria São José, Rio, 1938 — 403 págs. — Cr\$ 150,00.

Evairisto de Moraes Filho

Homem de rara cultura e estilo escofreito, pertence Ivan Lins à estirpe dos verdadeiros humanistas, daqueles que se voltam para os permanentes problemas do espírito humano. Nunca pegou da pena para escrever sobre o episdico, sobre o fato miúdo e isolado, que não tenha significação para o encadeamento do significado do próprio enigma da existência. Tranquilo na sua concepção do mundo e da vida, mas sempre inquieto pelos temas que aborda, não é nunca um comodista nem um repetidor de lugar comum. É que a sua formação cultural resulta de um contato constante com os temas filosóficos, para os quais nada existe no mundo desprovido de valor e de

possível significação simbólica.

Adepto de um sistema filosófico, não chega nunca às raízes do dogmatismo nem da infalibilidade. É um direito que lhe assiste de seguir esta ou aquela corrente de idéias, com a qual se sinta mais afinado em sua maneira de viver e de pensar. Em verdade, o pior estado de espírito para um escritor é o de constante disponibilidade intelectual, de dilettantismo, de incoerência, de ambivalência, como quem se encontra sóto no tempo e no espaço à busca de um trapézio oportuno que lhe dê um ponto de apoio.

Homem de marca, como de si próprio dizia o padre Júlio Maria, ninguém se engana a seu respeito: sabe sempre onde encontrá-lo e sempre estará coerentemente idêntico a si mesmo.

Positivista dos mais esclarecidos, espírito sempre aberto à compreensão de

outros sistemas, não faz das próprias idéias um túmulo ou um céu sem nuvens, sempre igual e parado. Pelo contrário, sem medo de se perder, lança-se ao encontro de temas arriscados e perigosos, desses sobre os quais já muita gente falou, mais para lançar confusão do que para esclarecê-los.

Este seu livro que temos diante dos olhos, de 400 páginas, é bem o exemplo do que acabamos de afirmar. Poucos terão uma opinião objetiva e desapassionada sobre a Idade Média. Noite de mil anos, dirão uns; clarté du Moyen Age, assim a qualifica Gustavo Cohen. Há exageros de ambos os lados, e é nesta posição equidistante e real que se coloca Ivan Lins, mostrando o que há de bom e de mau na Idade Média.

A simples preferência pelo tema fala bem alto, denunciando, desde logo, o seu entusiasmo e a sua



Santo Tomás de Aquino: filosofia medieval

admiração por esse período histórico. Com espírito verdadeiramente imparcial, segue nisso a orientação de seu mestre Augusto Comte, a quem se deve, em grande parte, a posição de relêvo de que desfruta atualmente a Idade Média para a história das idéias e da cultura. Não era menor o entusiasmo de Comte pela organização social e política da Idade Média, coordenada no plano espiritual pela religião católica. A página 249 do *Cours de Philosophie Positive*, vol. V, edição de 1908, assim conclui Comte as suas opiniões sobre a Idade Média: "Tais são as rápidas apreciações que bastam aqui para caracterizar sumariamente as eminentes propriedades intelectuais do regime monoteísta da Idade Média, esperando que seus principais resultados ulteriores possam ser convenientemente apreciados, mas já devem, sem dúvida, fazer ressaltar, espontaneamente, a ingrata injustiça desta frívola filosofia que conduz, por exemplo, a qualificar irracionalmente de bárbaro e tenebroso o século memorável em que brilharam simultaneamente, nos diversos pontos principais do mundo católico e feudal, Santo Tomás de Aquino, Alberto, o Grande, Roger Bacon, Dante etc."

Regis Jolivet, diretor da Faculdade Católica de Filosofia, de Lion, cita à página 502 do vol. IV, do seu *Traité de Philosophie*, as conhecidas palavras de Augusto Comte — também referidas por Ivan Lins — segundo as quais o cristianismo conseguiu na Idade Média "a obra-prima política da sabedoria humana".

Não compreende moço assim, as causas do tumulto e dos protestos oriundos de alguns círculos religiosos e ultramontanos quando da realização das conferências

(Conclusão da página 1)

em 1938, que deram origem a este erudito e magnífico livro. Forrado de exuberante cultura, ali aparecem as melhores fontes de informação sobre o período medieval, onde a cada passo encontramos referidos, sobre pontos essenciais, os nomes de Burckhardt, Calmete, Gibbon, Bühler, Funck-Brentano, Boissonade, Langlois, Halphen, Bréhier, G. Cohen, Hallam e muitos outros, além dos próprios documentos da época e de livros contemporâneos dos fatos narrados.

Embora colocando no título somente a cavalaria e as cruzadas, compreende-se que Ivan Lins teve em vista, mui justa-

mente, elevá-los à altura de símbolos da própria Idade Média: temporal, a primeira; espirituais, as segundas. Esta época da humanidade seria incompreensível sem esses dois vigorosos e marcantes instrumentos de penetração e de comunicação cultural. Os ideais mais puros e significativos da Idade Média ali se encontram. O resto é fragmento e tecido conjuntivo, nada mais.

Exemplo disso é a 5.ª Conferência, págs. 175 e segs., sobre os casos singulares, constituída de instantâneos esparsos e diversos dos costumes medievais, às vezes ridículos, mas que não chegam a fazer esquecer as manifestações daqueles dois grandes símbolos.

O único reparo a fazer, num livro de tão alta importância e dignidade, é simplesmente de técnica bibliográfica. O autor, que dividiu as notas em duas categorias — pé de página e fim de capítulo — ora se refere a livros em seus idiomas originais, onde foi buscar a citação; ora os traduz em seus títulos, embora igualmente de edições estrangeiras. O melhor seria uniformizar as referências, mantendo cada obra com seu título próprio, original.

Livro múltiplo, amplo, faz da Idade Média o pretexto para os mais curiosos debates do espírito humano, que antecederam e sucederam aquêle período histórico, já que são eternos como a própria humanidade. Ensaio de pensador e não de simples alfarrabista, eis o que é este livro de Ivan Lins, já em 3.ª edição, demonstrativo o fato, por si mesmo, da excelência das suas páginas.

*EVARISTO DE MORAIS FILHO é ensaísta, catedrático de Direito do Trabalho da Faculdade Nacional de Direito, autor de "Augusto Comte e o Pensamento Sociológico Contemporâneo" e "Profetas de um mundo que morre".*



Augusto Comte: no mundo do positivismo